

## O TRABALHADOR HONESTO E A OCIOSIDADE

### THE HONEST WORKER AND IDLENESS

Brianna Elisabeth da Cruz<sup>1</sup>

Jairo Demm Junkes<sup>2</sup>

#### RESENHA

RUSSELL, Bertrand. **Elogio ao ócio**. Tradução: Daniel Cunha. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

Elogio ao ócio é uma obra do matemático e filósofo Bertrand Russell, pacifista e lógico popular do século XX. Este é o primeiro ensaio da coletânea que dá nome ao livro. Recheado de provocações e ideias libertárias, Russell ironiza a sociedade em que vive e planta elementos de exaltação ao ócio através de seus ensaios. Neste texto, ele convida o leitor a um questionamento sobre o papel do trabalho e seus valores impregnados em sua conjuntura, gerando debate sobre a sociedade de classes que nos permeia até hoje em dia. A obra pretende desmistificar o grande convencional de que o maior propósito do ser humano é o trabalho, permeando uma reflexão sobre o ócio e suas consequências se bem aproveitado.

Segundo o autor, a sociedade moderna cultua o trabalho como uma droga, onde os indivíduos permanecem viciados com a conveniência estrutural e a auspiciosa alienação de que a realização pessoal concretizará devido ao trabalho. Russell aponta exemplos por meio de contos para denunciar a forma como encaramos o ócio e expõe a falta de autonomia do “trabalhador honesto” subjugado à elite ociosa; Russell propõe a desconstrução desse estigma através de uma argumentação a favor da preguiça.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Filosofia. Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi). Santa Catarina. Brasil. E-mail: [brianna168@hotmail.com](mailto:brianna168@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia, professor efetivo de Filosofia da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, Docente do Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi). Santa Catarina. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7561-1090>. E-mail: [demmobr@gmail.com](mailto:demmobr@gmail.com)

Previamente a este argumento, Russell esclarece seu pensamento sobre o privilégio de pessoas com uma satisfatória estrutura de vida que se confortam com um trabalho trivial, tirando oportunidades de quem não tem base e nem emprego para se manter. Muitos consideravam Russell um socialista, portanto sua análise de circulação do capital remete à fórmula de circulação de Marx, em que é necessário gastar para gerar cada vez mais. Seu ponto de vista sujeita ao poupador como o grande antagonico dessas relações ao acumular e não repassar.

Como visto, Russell era um pacifista e tem sua compreensão de que o poupador usualmente emprestaria seu dinheiro para determinado governo, que usará tal como financiamento de guerras ou pagar dívidas de guerra; há também o poupador que investe em empresas industriais, muitas essas que usam do trabalho humano para criar máquinas, das quais podem ser o motivo de rompimento das empresas ou até a causa de muito desemprego, sendo assim, o autor recomenda que fosse melhor que gastassem seus salários com frivolidades.

A caracterização de classes é interpretada quando Russell determina que existam dois tipos de trabalho: o de quem executa e o de quem manda executar. Caracterizando também a hierarquia de cargos como políticos, proprietários de terra e serviçais. A escravidão foi o principal modo de produção durante longos períodos da civilização humana, trazendo representações deste modelo até a sociedade moderna. A polarização de poder é escancarada quando Russell cita que homens podem fazer outros pagarem pelo privilégio de poderem existir e trabalhar. O Estado escravista continua retratando o trabalho como um dever, propaga a exaltação do mesmo enquanto reproduz características antigas entre seus trabalhadores.

Se a produção de excedentes fosse formulada e os trabalhos servissem apenas para a produção do necessário, as jornadas de trabalho seriam reduzidas. Muitas produções sobrecarregam funcionários com longas jornadas de trabalho enquanto outra parte da população desempregada vive em um lazer obrigatório e relutante. Russell apresenta uma alternativa onde as jornadas de trabalho durassem apenas quatro horas por dia; muitos trabalhadores nem imaginariam o que fazer com tantas horas de lazer se trabalhassem apenas quatro horas, pois isto foge de sua realidade.

Os trabalhadores não têm a liberdade para explorar suas aspirações e anseios, com o tempo livre seriam capazes de executá-las. Embora a imagem do trabalho como o provedor da dignidade humana seja disseminado pelos governos, que querem

manter seus trabalhadores alienados com a ideologia do trabalho árduo e submisso que os transformam em honestos, nada impulsiona seu senso crítico a explorarem valores que se interessem e gostassem de gastar tempo o fazendo. Poderiam, se os fizessem, contribuir com a sociedade suas descobertas; diferente do trabalho que é apenas um meio necessário à sobrevivência.

Russell analisa por fim, as vantagens do aumento de tempo para lazer com as pessoas mais felizes, mais confiáveis, a segurança aumentará assim como as guerras reduziriam pois, a natureza alegre e bondosa dos seres humanos resultará em um bem-estar coletivo.

Tendo em vista os aspectos observados, Russell argumenta a favor do ócio, que muitas vezes é renegado pelo Estado ou até por muitos trabalhadores ludibriados pelo discurso capitalista. Atribui narrativas de exemplos para melhor entendimento da situação exploratória em que o trabalhador é designado para sobreviver, uma vez que a elite usufrui seu tempo de lazer à custa do trabalho dos pobres sem ao mesmo direito à folga ou condições consideráveis de autonomia.

Se entende que o Estado tem heranças escravagistas do modelo de produção considerando o trabalho como um meio de dignificação do ser humano, enquanto a “nobreza” não despende de sua ociosidade, pois se mantém ao topo da pirâmide social sendo suprimos de tempo e ócio pela base trabalhadora. Quanto à linha de produção em larga escala, caracteriza os processos capitalistas em excesso, aumentando a jornada de trabalho para produzir além do consumo necessário. Russell propõe a redução da produção de bens, assim como a redução da carga horária para que todos possam ter o mesmo tempo de ócio e, portanto explorar sua liberdade e suas áreas de interesse transformando um ambiente mais agradável de conviver, bem como uma utopia.

## REFERÊNCIAS

RUSSELL, Bertrand. **In Praise of Idleness and Other Essays**. Reino Unido: Allen & Unwin, 1935.

RUSSELL, Bertrand. **Elogio ao ócio**. Tradução: Daniel Cunha. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

**Resenha recebida em:** 29/09/2020

**Resenha aprovada em:** 14/10/2020

**Resenha publicada em:** 12/12/2020